



Vila Velha de Ródão, 2019

O PROJETO DE ARQUITECTURA NO PROCESSO DE REINTERPRETAÇÃO DO VALE DO TEJO: UMA ANÁLISE PROSPETIVA

The architecture project in the reinterpretation process of the Tagus valley: a prospective view

Mário Monteiro Benjamim

Arquiteto, investigador do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora. mariobenjamim@mb-arquitectos.pt

Palavras-chave Paisagem, Vale do Tejo, Identidade, Projeto, Modelo de Intervenção
Keywords Landscape, Tagus Valley, Identity, Project, Intervention Model

Resumo

O Vale do Tejo, na zona do médio curso do rio, evidencia-se pelas suas características singulares e pela forte relação com a paisagem. Relação que se manteve predominantemente estável durante milénios até um passado bastante recente.

Situação que se alterou devido ao processo de desertificação e abandono do mundo rural, e pelo sistemático aproveitamento do potencial hídrico do seu curso de água, que submeteu os territórios a transformações profundas, por vezes abruptas e não acompanhado do adequado reconhecimento do seu valor arqueológico, antropológico, arquitetónico e ecológico.

Perante uma realidade que é fatual e inevitável, que se repete em Portugal nos cursos de água mais significativos, propomo-nos refletir sobre um modelo de intervenção que, dirigido ao Vale do Médio Tejo tire partido da singular herança cultural, mas também dos impactos das barragens construídas desde a Década de 70, e que identifique e procure resoluções às problemáticas que emergem da transformação abrupta da paisagem.

Uma estratégia de revitalização de lugares de elevado reconhecimento patrimonial, que ainda prevalece e se estende ao longo das margens do Tejo, pode ser encarada como um princípio de ordenamento do território, permitindo dessa forma projetar uma rede interativa de sítios visitáveis, um verdadeiro museu ao ar livre, dinâmico e intimamente ligado à história destes lugares.

Abstract

Located in the middle course of the Tagus River in its peninsular extension, the Tagus Valley stands out due to its unique characteristics and the strong connection with the place and the landscape. This connection has remained predominantly stable for millennia until quite recently.

This situation changed due to desertification and abandonment of the countryside's life, and to the systematic exploitation of the water potential of its watercourse, subjecting the territories to deep, sometimes abrupt, transformations, which are not accompanied by an appropriate recognition of their archaeological, anthropological, architectural and ecological value.

It is against this factual and unavoidable reality that we intend to find an intervention model, directed to the Middle Tagus Valley, and taking advantage not only of its cultural

heritage, but also of the impacts of dams built since the 1970s, that tries to solve the problems emerged from the abrupt transformation of the landscape.

A strategy for the revitalization of places with high patrimonial recognition can be seen as a principle of land-use planning, manifested in the huge archaeological, cultural and natural heritage that still prevails and extends along the Tagus' banks. Therefore, it allows planning an interactive network of visitable places in the territory, a true open air museum, dynamic and closely linked to the history of this place.

Introdução¹

A investigação efetuada e o trabalho apresentado neste artigo situam-se entre duas problemáticas contemporâneas - a alteração submetida à paisagem, pela submersão de uma vasta área, e o seu consequente subaproveitamento.

Sobre a matéria vasta que as duas temáticas envolvem, interessa-nos salientar alguns temas em concreto: a definição de uma metodologia de intervenção arquitetónica em sítios arqueológicos, com especificidade ao património rupestre em condições acrescidas desta complexidade, a relação do homem com a paisagem alterada por uma albufeira e as possibilidades de gestão cultural e patrimonial do território no sentido de explorar as suas potencialidades.

Será sobre este campo de ação que nos propomos encontrar novas abordagens e novas respostas, assumindo-se a disciplina da arquitetura como o instrumento mediador, que por um lado visa a reinterpretação do território e a valorização do lugar, e por outro, estabelece o diálogo e conciliação entre as duas realidades descritas.

O sítio arqueológico e o processo de musealização *in situ* são considerados como campos privilegiados de atuação, pela relação intrínseca e genealógica que o sítio mantém com o lugar e pela forma que este se impregna na paisagem, proporcionando um conjunto de possibilidades a explorar.

O lugar (sítio arqueológico) pode refletir desta forma duas leituras em simultâneo, a imediata, que pretende promover e salvaguardar o lugar histórico, e a segunda mais extensa, que contextualiza o achado arqueológico com a envolvente e com a paisagem onde esta está inserida.

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito da tese de doutoramento em investigação através do projeto de arquitetura, na Universidade de Évora, sob a orientação da Prof.^a Aurora Carapinha, Prof.^o Jorge Rivera e Dr. Martinho Batista.

É através do diálogo entre as duas realidades que a arquitetura se pode integrar, como instrumento operativo através do projeto. Potenciando um novo olhar, um novo enfoque, que não restringido apenas à sua visibilidade, proporcionará um novo entendimento sobre a complexidade, globalidade, e reciprocidade do sítio arqueológico.

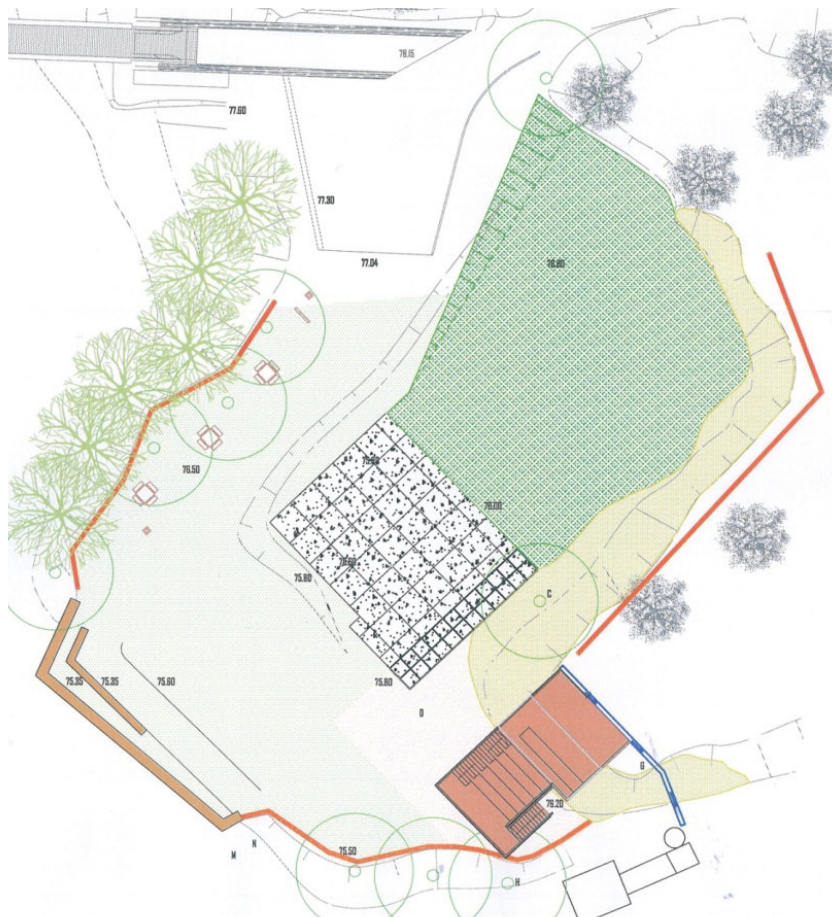


Figura.1. Planta de Implantação da Estação Paleolítica da Foz de Enxarrique (MB-Arquitectos / Arq. Pais. José Manuel Pires).

A área objeto de estudo situa-se na Beira Interior Sul, no centro-interior de Portugal, e insere-se no concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, baliza-se no corredor fluvial entre a barragem de Cedilho até à foz do rio Ocreza, numa extensão com de cerca de 40km.

O carácter do lugar

O conceito de Lugar está diretamente relacionado com o conceito de carácter, como afirmação identitária desse lugar que expressa na sua cultura específica, através da relação que o homem concretizou e ainda mantém com o espaço que habita.

Ambos os conceitos, que se sobrepõem são transpostos para a arquitetura pelo termo de “*Genius Loci*” ou *espírito do lugar*, termo que permite reconhecer uma realidade fundacional, e a possibilidade de intervir e conceber ideais condições para o ato de habitar.

É através deste conceito que o lugar, espaço ou paisagem vinca o seu carácter próprio, diferenciável e único, estruturando-se a partir do meio envolvente, e de um conjunto de características fisiográficas, morfológicas e culturais, que refletem a ocupação humanizada desse lugar.

São elementos definidores do carácter do lugar a forma, função e história. Estes três elementos, determinantes no desenho e na compreensão da paisagem, remetem para a matéria (viva e inerte) e para o tempo (histórico e biológico; Aurora, 2016).

A Forma é definida pelas componentes naturais, que no caso do Vale do Tejo se transcrevem pelas suas características específicas vinculadas a uma forte matriz geológica, que se expressam no relevo e nos processos de construção da paisagem.

Na caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão, (Carvalho et al., 2006), explicita-se resumidamente os fatores físicos condicionantes do território que se dividem por dois grupos distintos, o geológico e o geomorfológico.

No primeiro grupo, encontramos na carta geológica de Vila Velha de Ródão diferentes litologias que constituem as unidades litostratigráficas, nas quais destacamos os seguintes conjuntos geológicos:

- Grupo das Beiras, unidade mais antiga dominado por filitos e metagrauvaques, que se estende por todo o território;
- Formação do Quartzito Armoricano, que forma os flancos do dobramento em sinclinal, que se interrompe na zona das Portas de Ródão pelo rio Tejo;
- Xistos argilosos, que por serem consideradas rochas mais brandas, permitiram desenvolver vales de vertentes abruptas convergentes para o Tejo;

- Formações conglomeráticas e arcósicas, testemunho da vasta drenagem torrencial/fluviat durante o Cenozóico na bacia do Baixo Tejo.

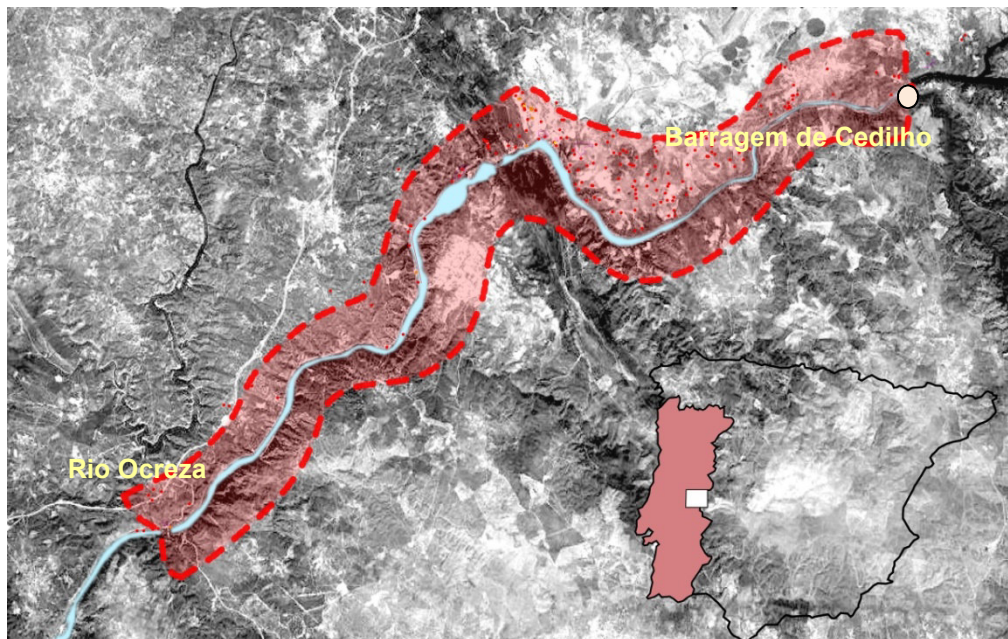


Figura.2. Delimitação de Zona de Intervenção / Área de Estudo.

Nos conjuntos geológicos referenciados, merece destaque pela sua relevância na paisagem o sinclinal, denominado por Serra das Talhadas e do Perdigão, e as formações arcósicas e conglomeráticas, derivadas dos enchimentos cenozóicos que prevaleceram durante um longo período de deposição, possibilitando a formação de escadarias de terraços e diversificados depósitos sedimentares (Gouveia, 2009).

Esta matriz geológica e morfológica define física e geograficamente a paisagem, e pode sintetizar-se na formação natural das Portas de Ródão, momento em que o Tejo atravessa a dupla crista quartzítica.

Um pouco por toda a região ocorrem depressões acentuadas que resultam da erosão vertical provocada pelos diversos cursos de água, constituindo-se formas de relevo que resultam do encaixe da complexa rede hidrográfica, dos níveis de erosão e dos terraços de acumulação.

Estrutura hidrográfica que devido ao seu enquadramento geográfico (no bordo do Maciço Ibérico) possui uma expressão significativa quer em extensão como em área

drenada, formando através das suas linhas de água vales encaixados e transversais ao curso do rio principal.

Linhas naturais, que para além de recurso, promoção de proteção e constituição de corredores de circulação, são consideradas em termos espaciais, linhas de força na paisagem que se encerram, se movimentam e dinamizam, com grande visibilidade e expressão cénica em pontos de cota mais elevada.

Ao nível do enquadramento administrativo este trecho do rio, abrange dois distritos, dois concelhos e 9 freguesias². O curso do Médio Tejo em igual trecho, é também gerido por três albufeiras e por um complexo sistema de controlos de caudais, que mantém entre si o equilíbrio de funcionamento e de produção de energia elétrica.

Com uma utilização quase exclusivamente direcionada para o aproveitamento dos recursos energéticos, toda a área apresenta-se como uma *“manta de muitos retalhos”* (MATTOSO, et al, 2010, 406) fragmentada e monopolizada que dificilmente se coordenará em conjunto, perante o elemento singular que os une, o Rio.

Rio que no passado desempenhou um papel catalisador de povos e de culturas, hoje, sinónimo de fronteira e de elemento divisível. Antítese do papel de união e de encontro, que apesar das suas margens abruptas e da intensidade de corrente em alguns troços, foi lugar de encontro e meio privilegiado de circulação de bens e ideias, influenciando modos de vida e condicionando aspetos de ordem económica, social e religiosa.

Em termos de características demográficas, a área de estudo transcreve os mesmos fenómenos de desertificação que outras áreas do interior de Portugal em zonas de raia.

O concelho de Vila Velha de Rodão mantém, no entanto, um cariz de desenvolvimento industrial significativo, alicerçado na instalação de uma unidade de fabricação de pasta celulósica na década de 70, que contraria os censos económicos e demográficos para um território com estas características, mas que contrasta com o cenário natural e patrimonial que o Vale do Tejo apresenta, comprometendo o desenvolvimento e o aproveitamento sustentado dos seus amplos recursos, e do qual não são alheios os frequentes focos de poluição detetados.

As restantes áreas envolventes são marcadas predominantemente por uma feição rural pouco explícita, refletida por pequenas explorações agrícolas de uso familiar e por

² Freguesia do Fratel, Vila Velha de Rodão e Perais no concelho Vila Velha de Rodão (distrito de Castelo Branco). Freguesias de Montalvão; Espírito Santo, N.º Sr.ª da Graça e São Simão; Santana; S. Matias e; Arez e Amieira do Tejo no concelho de Nisa (distrito de Portalegre) e Cardigos no concelho de Mação (distrito de Santarém).

olivais sustentados por muros de pedra solta nas encostas íngremes³, cultura arbórea que caiu no esquecimento e que lentamente é substituída por novas reflorestações e matos bravios.

Um cenário preocupante que põe em risco não só a manutenção da autenticidade dos valores da paisagem característica do Vale do Tejo, como a sua própria sustentabilidade, pelo qual urge encontrar mecanismos e caminhos que possibilitem corrigir, ou pelo menos tentar alterar trajetórias e recuperar alguma da sua identidade e o do seu valor patrimonial.

Numa breve súmula descreve-se o contexto histórico, territorial e patrimonial que este sector do médio Tejo oferece, testemunho (impar) da ocupação humana da Península Ibérica (e) cujas condições naturais são favoráveis à existência e preservação de habitats paleolíticos e estações de arte rupestre.

No contexto geoarqueológico, os terraços sedimentares assumem neste território um papel preponderante na evolução da paisagem e da ocupação humana, condicionando a sua presença ao longo da sua História.

Os vestígios mais antigos da presença humana da região encontram-se nas estações do Monte do Famaco, datada do Paleolítico Inferior com 200.000 anos, Vilas Ruivas (a estrutura de habitat mais antiga conhecida em Portugal) e Foz do Enxarique do Paleolítico Médio com cerca de 33.000 anos. Estações que se encontram a curta distância do rio sobre plataformas detriticas e terraços, associando-se aos mais importantes núcleos de arte rupestre do Tejo.

As características geológicas, orientação e inclinação do fundo do vale do Tejo, possibilitaram a produção e permitiram a conservação de milhares gravuras rupestres, atribuídas a épocas desde o Paleolítico à Idade do Ferro.

As estações Neolíticas e da Idade do Cobre existentes na região são também dispersas. Testemunhos desta cultura os exemplares megalíticos, executados em xisto e de pequenas dimensões, mantêm também uma correlação espacial com as rochas gravadas e sítios de habitat. Da época romana destaca-se o “Conhal do Arneiro”, uma exploração mineira de ouro aluvionar a jusante das Portas de Rodão e da época medieval o Castelo de Ródão, obra dos Templários que se inscreveria na linha de controlo e defesa do Tejo.

No período contemporâneo, o contexto natural dominado pelo rio Tejo, pela crista quartzítica e pela sua posição de charneira entre as Beiras e o Alentejo fizeram desta região uma zona militar de grande valor estratégico.

Poderá interpretar-se que a fixação e a evolução humana neste território foi fortemente condicionada pelas suas particularidades naturais. Toda a área é testemunho de uma interação do homem com a paisagem particularmente na forma como este estabeleceu e caracterizou o lugar.

O Rio é o definidor de grande parte da paisagem, hoje com a sua expressão aumentada das suas encostas dissimétricas pelos planos de água alargados e estáveis, contrastantes com uma expressão mais vincada antes do enchimento das diversas albufeiras nesta secção: Belver, Fratel e Cedilho. (D'ABREU 2004, Vol. III, p.125),

Em todo o território se reflete esta relação expressa através dos vestígios arqueológicos, na herança cultural e antropológica e nos usos cotidianos que teimam em prevalecer, testemunhos das diferentes ocupações desde os tempos da pré-história.

Conjunto de relações que definem o rio como o elemento estruturante da paisagem, como o ator privilegiado no processo de construção que as diversas comunidades humanas estabeleceram ao longo de demorados períodos de tempo.

Metodologia de análise

É sobre este mosaico paisagístico de enorme complexidade e permanente dinamismo, com as suas inevitáveis clivagens, que consideremos a ação da arquitetura, adaptando à sua leitura as necessidades e estratégias de uma sociedade atual.

Leitura que poderá ser canalizada, através da referenciação de alguns sítios arqueológicos, que no nosso entendimento devem ser preservados e que podem ser explorados e utilizados.

Esta posição reinterpretativa levanta um conjunto de questões iniciais que colocamos, e às quais procuramos responder:

- Qual o papel do projeto de arquitetura neste processo?
- A que nível se pode infligir uma leitura a um lugar com estas características?
- Qual o limite da intervenção?

³ Imagem característica desta paisagem e do seu clima mediterrânico que “*Vistas de longe, são como um ponteadado geométrico e denso que sublinha todas as ondulações do relevo*” (RIBEIRO, 1951, pag. 107).

- Que instrumentos poderão ser utilizados no processo de valorização da sua singularidade?

O desafio que nos propomos alcançar concentra-se, por um lado, em compreender e sistematizar as diversas identidades que caracterizam o lugar, e por outro lado, através de uma investigação teórica, complementada em simultâneo pela prática projetual, encontrar convergências e pontos de interceção entre essas mesmas identidades.

A análise de sítios arqueológicos já intervencionados pretende encontrar um modelo padronizado de atuação, que de algum modo, transcreva uma possível metodologia de intervenção em sítios em condições acrescidas desta complexidade e que corresponda a intervenções em contextos semelhantes.

A abordagem aos três exemplos referenciados efetua-se em primeiro lugar na compreensão de cada programa estabelecido individualmente, para de seguida tentar correlacionar o programa e os objetivos traçados com os resultados obtidos da sua implementação.

A leitura das formas de organização espacial que os projetos preconizam, e a relação que estabelecem com a paisagem, estruturam uma nova organização na leitura e interpretação do sítio arqueológico, quer no imediato quer de um ponto de vista mais alargado.

Interessa-nos perceber como a resposta do projeto foi alcançada, e que de forma este possibilitou o reconhecimento progressivo do lugar e a reformulação em simultâneo dos respetivos objetivos, *“procedimento in progressu”* (Scazzosi, 2006: p. 267-302), o que permite em respetivas atualizações a incorporação permanente de informação útil no processo de interpretação e intervenção no objeto de estudo.

Uma metodologia que integra e organiza as diversas transformações submetidas, representativas do próprio processo de conservação da paisagem, bem como as suas formas de organização espacial, exemplificativas dos seus valores culturais e ambientais, uma visão conjunta, ancorada no entendimento das dinâmicas subjacentes ao lugar e à sua identidade.

A intervenção no sítio arqueológico

Uma das estratégias de potenciação e divulgação do património identitário de um lugar tem sido a intervenção efetuada em sítios arqueológicos, valorizando-se em maior parte

das intervenções a musealização em *“situ”*, contextualizando desta forma, o achado arqueológico com a sua envolvente e com a paisagem onde estes estão inseridos.

Intervenção que é efetuada por equipas multidisciplinares e que tem como principal objetivo promover e salvaguardar o lugar histórico, na qual a disciplina da arquitetura se reconhece, cada vez mais, como uma majoração no projeto de conceção, no diálogo e na mediação de todo o processo.

Seguindo este pressuposto pode-se considerar o projeto de intervenção em sítios arqueológicos como um ambicioso exercício prático e teórico de arquitetura, pela sua extrema complexidade: leitura de condicionantes e variantes do lugar, sistematização do programa definido, aplicação de soluções construtivas compatíveis, apazibilabilidade da solução, consolidação temporal da proposta e manutenção da memória do local.

Parafraseando Jean Nouvel, *“uma arquitetura que se impregna do lugar e se impregna no lugar”*, e que terá de ser tida mais em conta, no caso específico de intervenções em sítios arqueológicos de arte rupestre ao ar livre.

Um conhecimento do lugar, que pela natureza da sua organização e pelas relações que mantém comunicam noções de domínio, de utilização, de circulações, de hierarquia e de ordem, muito além das funções visuais, constituindo significados denotativos de forma e espaço, que devem ser incutidos no processo de investigação e quando possível inseridos no processo de conceção.

Do sítio arqueológico, no contexto onde se insere (contentor cultural na relação intrínseca com a paisagem), partimos para análise da paisagem nas suas diversas significações.

É neste contexto, que pretendemos introduzir o olhar e a ação do arquiteto, através da investigação sistemática e do entendimento das diversas relações inter e transdisciplinares no território, definindo -se progressivamente soluções conscientes de projeto.

Exercício que se pode conjugar e enumerar pelos seguintes parâmetros:

- leitura de condicionantes e variantes do lugar
- sistematização do programa definido
- aplicação de soluções construtivas compatíveis
- apazibilabilidade da solução

- consolidação temporal da proposta
- manutenção da memória do local.

Será através do diálogo com esta realidade que a arquitetura pode integrar o processo de investigação como instrumento operativo do projeto, potenciando um novo olhar, um novo enfoque, que não se tornando restringido, proporcionará um novo entendimento sobre a complexidade, globalidade, sustentabilidade e reciprocidade do Vale do Tejo enquanto referência formal, comportamental e metodológica.

Perante a situação atual, na qual se encontra o complexo rupestre do Vale do Tejo (desvalorizado patrimonialmente e subjugado a um processo de ocultação provavelmente irreversível), o desafio de construir dispositivos torna-se muito mais exigente e ambicioso.

O que nos leva a questionar, quais as medidas e instrumentos a utilizar em paisagens e sítios arqueológicos com alterações substanciais, e se conseguirá a ação do arquiteto, através da sua intervenção mediadora e criativa, reivindicar um sentido inversor na transformação do lugar e reconstituir a memória identitária desse local?

Casos de estudo

Como referido anteriormente pretende-se avaliar três recentes intervenções executadas na área de estudo, com intuito de encontrar um possível padrão de atuação comum, que de algum modo possa ser utilizado em novas propostas de intervenção.

A escolha dos exemplos, efetuou-se tendo em atenção os seguintes parâmetros:

- proximidade geográfica;
- prazos de execução (projetos realizados e implementados entre 2004 a 2016);
- pluridisciplinaridade de equipas, apesar do claro vínculo à disciplina da arqueologia, que de algum modo define o programa de intervenção.

Como metodologia de abordagem, analisam-se em primeiro lugar as peças escritas e desenhadas dos três casos do estudo, compreendendo dessa forma as diversas intenções conceptuais.

Processos que são descritos pela enumeração dos objetivos gerais das suas propostas e pelas respetivas estratégias de conceção.

Projeto de valorização do Castelo de Ródão e Capela da Senhora do Castelo (2004-2008)

Coordenação: P.B. ARQ – Arquitetura Paisagista

Sobranceiro ao Tejo e ao monumento geológico das Portas de Ródão, o sítio arqueológico engloba dois imóveis classificados: o Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo, que constituem, no conjunto, um núcleo de elevado valor patrimonial.

A configuração e localização do sítio, em ponto dominante da paisagem, permite excelentes relações visuais sobre o rio Tejo e territórios adjacentes, conferindo-lhe naturalmente a função de miradouro.

O projeto caracteriza-se pela inscrição de diferentes unidades funcionais, que correspondem ao programa estabelecido e unificam os dois elementos alvo de intervenção.

Objetivos gerais:

- Valorização funcional do conjunto e de cada um dos seus elementos.
- Enquadramento paisagístico e potenciação da localização privilegiada.
- Definir equilíbrios entre os elementos edificados.
- Estratégia Conceção
- Introdução de um eixo fortemente orientador, que reforce a aproximação aos dois elementos edificados.
- Inserção de soluções construtivas que permitam uma manutenção eficaz e simplificada.
- Adaptação de construções existentes a novas funcionalidades (Instalações Sanitárias).
- Resolução de acessibilidades entre imóveis e controle de acessos de automóveis.
- Manutenção e acentuação da vegetação espontânea e do carácter naturalizado do sítio.

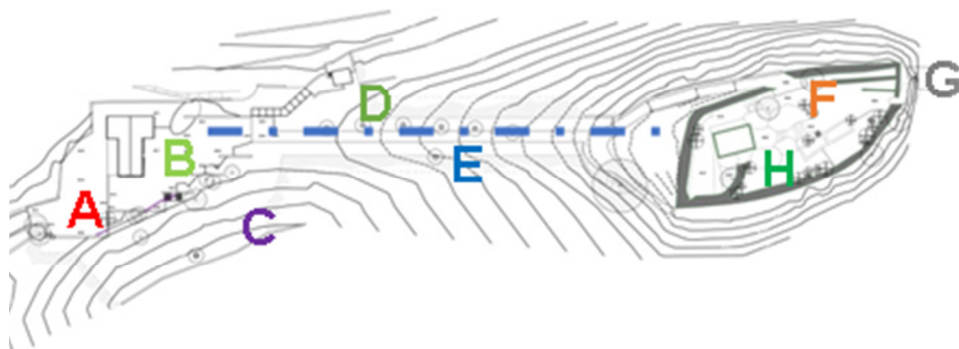


Figura 3. Proposta global de intervenção. (Desenho de base - P.B. ARQ). Legenda: A. Receção/Estacionamento. B. Adro da Capela. C. Plataforma de Prado/Terraço. D. Zona de Merendas. E. Rampa de Acesso ao Castelo. F. Recinto muralhado. G. Miradouro. H. Caminho de Ronda.



Imagem 1. Capela da Sª do Castelo.



Imagem 2. Rampa de acesso.



Imagem 3. Castelo de Rodão.



Imagem 4. Miradouro.

Projeto de estudo, preservação e valorização do Caminho e Calçada da Telhada (2008-2012)

Coordenação: EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia

A Calçada da Telhada, também conhecida como Estrada Romana da Telhada entre o povo da aldeia de Perais, é uma antiga via de acesso a uma barca de travessia do rio Tejo que deu passagem a pessoas e animais entre a Beira e o Alentejo.

Calçada que expressa uma longa e íntima relação no ambiente natural pelas diferentes comunidades, como reflete em si, o fenómeno de desaparecimento físico e simbólico da paisagem ancestral.

Cada pormenor construtivo e de adaptabilidade à geografia existente, (bem evidenciado no processo de preservação), conduz-nos a uma experiência de vivência única, um retorno à identidade desta região.

Objetivos gerais

- Estudo arqueológico da estrutura viária e ocorrências conectas;

- Viabilização e recuperação da estrutura;
- Definição sinalização e homologação do percurso pedestre;

Produção de material promocional.

Estratégia de conceção

- Adaptação e aproveitamento da estrutura para visita ou lazer;
- Interligação com a rota de visita à arte rupestre;
- Promover a utilização como infraestrutura para pedestrianismo;
- Reforçar um dos eixos da estratégia turística do concelho.

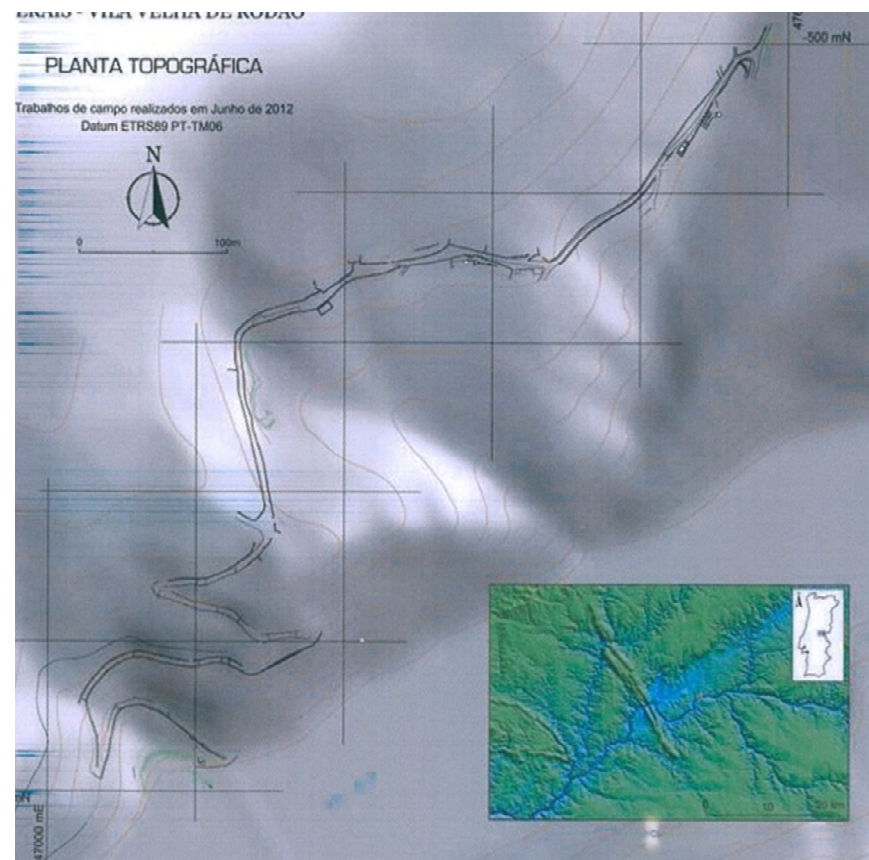


Figura 4. Levantamento topográfico do Caminho da Telhada (HP).



Imagem 5. Vista do rio para jusante.



Imagem 7. Furdão.



Imagem 6. Pormenor muro de suporte.



Imagem 8. Ancoradouro.

O projeto caracteriza-se por um conjunto de sequências e de ações executadas:

- Ações de limpeza da via;
- Levantamento topográfico e fotogramétrico;
- Prospeção da área do projeto;
- Levantamento dos grafismos rupestres;
- Execução de sondagens arqueológicas;
- Aprofundamento de conhecimentos;
- Reconstrução de alguns trechos;
- Reparação das passagens hidráulicas.

Projeto de musealização e valorização da estação arqueológica da Foz de Enxarrique (2012-2016)

Coordenação: Dr. Luís Raposo ⁴

A estação arqueológica, classificada como Imóvel de Interesse Público⁵, constitui tanto do ponto vista patrimonial e científico, um dos mais importantes locais da sua tipologia (acampamento de ar livre) e datação (Paleolítico Médio Final) conhecidos em Portugal e em toda a Península Ibérica.

A configuração e localização do sítio, em ponto estratégico da paisagem, permitem excelentes relações visuais sobre o rio Tejo e Portas de Ródão, conferindo-se como uma particularidade do local.

Objetivos gerais:

- Proteção e musealização do núcleo arqueológico;
- Implementação do projeto escavação-escola;
- Construção de um espaço verde de recreio e lazer;
- Complemento e remate ao percurso ribeirinho;
- Integração no percurso urbano e no arranjo da frente ribeirinha.

Estratégia de conceção:

- Desenvolvimento de ações, atividades e eventos com vista, nomeadamente, ao funcionamento e promoção do local;
- Dinamização cultural, social e turística;
- Reforço da componente didática do local;
- Realização de protocolos e iniciativas com organismos e instituições, no âmbito do projeto escola-escavação.

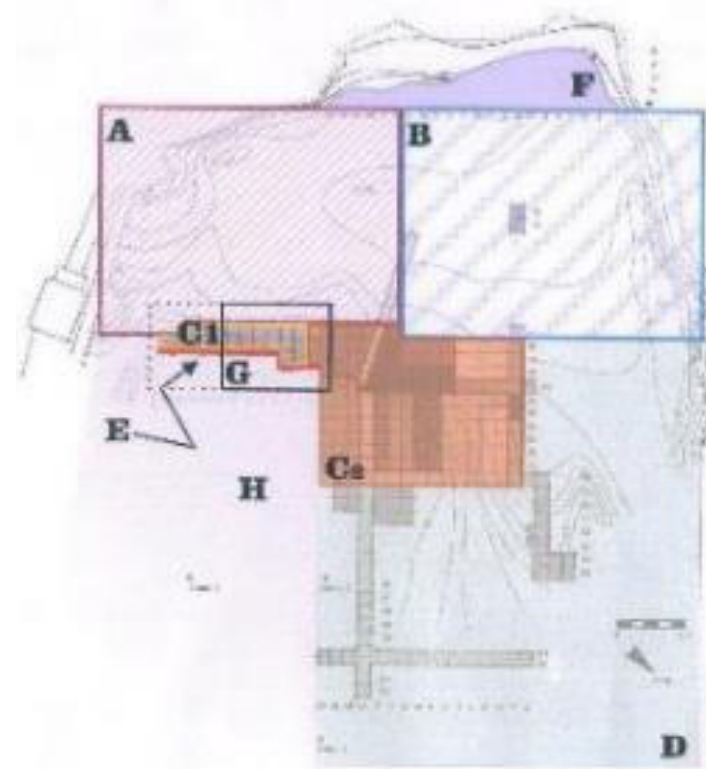


Figura 5. Planta de compartimentação. (Raposo, 2013). Legenda: A.Acessos e nivelamentos gerais B.Áreas escavadas C. Taludes / estratigrafias D. Áreas de “reserva arqueológica” E. Áreas potenciais de “escavação-escola” F. Plataforma sobre o Tejo G. Restante Plataforma

⁴ Arqueólogo, responsável pela estação e acompanhamento de escavações desde 1982.

⁵ Decreto n.º 29/90, DR, I Série, n.º 163, de 17-07-1990.

Respondendo a um programa muito específico, o projeto pretende desenvolver soluções que, em termos de composição e ordenamento do espaço, permitam a criação de condições para uma utilização múltipla, em três vertentes principais:

1. Núcleo museológico diretamente relacionado com o sítio classificado;
2. Escavação-escola, coincidindo com uma área especificamente demarcada no local (área remanescente, ainda não escavada);
3. Espaço verde de recreio e lazer, que se assume como o remate, a nascente, da zona envolvente do cais fluvial de Ródão.

A introdução de uma estrutura de proteção, em forma de anfiteatro que liga as duas plataformas existentes, e que protege a futura zona de musealização em “*situ*”, enfatiza a encenação cénica que o enquadramento visual nos proporciona.



Imagem 9. Plataforma arqueológica.



Imagem 10. Estrutura de proteção.



Imagem 11. Vista superior da plataforma sobre as Portas de Rodão e estação Arqueológica.



Imagem 12. Vista superior da plataforma sobre as Portas de Rodão e estação arqueológica.

Análise reflexiva

Inserindo-se num modelo de gestão centralizado⁶, sustentado e desenvolvido pelo município de Vila Velha de Ródão, os exemplos descritos apresentam pontos comuns quer sejam de ordem conceptual, programática, ou de estratégias de implementação, que de alguma forma os aproxima apesar das suas diferenças inerentes. É segundo esta análise que se retiram algumas conclusões:

- Apesar dos diferentes contextos de inserção, todas as intervenções estão vinculadas com a paisagem natural e com vestígios marcadamente arqueológicos;
- Em todos os projetos analisados, verifica-se uma abordagem relativamente semelhante ao nível de implementação de estratégias de gestão e conceção;

⁶ Modelo de gestão centralizado, com o apoio científico da Associação de Estudos do Alto Tejo, e de diversos investigadores e instituições ao longo dos últimos anos, e que apresenta semelhanças a outros modelos já implementados como é o caso de Foz Côa, do Vale do Terva e de algumas *Comune de Valle Camonica*.

- Em todos os projetos se verifica um enorme cuidado e atenção às pré-existências, considerando-as como ponto de partida para o desenvolvimento do projeto;
- Independentemente do sistema ou estratégia utilizados em cada um dos projetos existe uma clara intenção de convocação do sentido de experiência do lugar;
- A relação e o discurso entre as partes acontecem através de vários momentos que se relacionam entre si pelo percurso físico, através de uma dialética temporal ou espacial.
- A estrutura conceptual sobrepõe-se à estrutura pré-existente numa lógica articuladora e evocativa de significados, conferindo um carácter intencionalmente experimental a cada uma das propostas.

De forma a não tornar esta leitura restrita e focalizada apenas nos exemplos citados procurámos encontrar ramificações e paralelismos a intervenções realizadas em programas e contextos similares, que clarificam algumas das estratégias de conceção implementadas, os quais se estabelece um exercício comparativo.



Figura 6. Vale do Ocreza - Arq. José Adrião. Objetivos / Programa - Interpretar uma região: "implementar equipamentos que façam a ponte entre o passado e o presente e que construam uma paisagem cultural." (Pereira, 2013).



Imagem 13. Castelo S. Jorge - Arq. Carrilho da Graça. Objetivos/Programa - Proteção e musealização: "Leitura de palimpsesto". "Clarificar o carácter palindrómico" (Helm, 2012)



Figura 7. Allmannajuvet - Arq. Peter Zumthor. Objetivos / Programa - Reconvocar a quase esquecida história da mina de Zinco e reativar este lugar. "Atrair as pessoas e criar momentos de pausa que despertem um sentido de história e lugar". (Tunner, 2014).



Imagem 14. Anta do Cabeço D'Ante – EMERITA. Objetivos / Programa - Ser reversível, minimizar o impacto negativo no sítio e estrutura arqueológica. Os novos elementos a introduzir (ex: esteios), serem contrastantes e não induzir em erro os visitantes. Ter um custo viável. Inclusão num percurso pedestre (Caninas, 2015).

Análise conclusiva

Sintetizando a abordagem a este exercício reparamos que apesar das diferentes tipologias encontram-se significativas afinidades entre projetos, e traduzem padrões de atuação comuns que pela sua proximidade configuram um possível processo metodológico.

Por outro lado, as soluções utilizadas em qualquer das intervenções comprovam a adaptação tipológica e funcional a cada espaço, evidenciando-se o carácter do lugar pela afirmação da estrutura arqueológica. Relação que se manifesta pelo processo interventivo, no qual o projeto como instrumento desse processo, permite enfatizar o carácter desse lugar.

Esta análise vem corroborar a afirmação de um modelo de atuação padronizado em sítios arqueológicos musealizados, modelo que sendo similar nos casos de estudo, é racionalizado e simplificado na área de estudo, e que resulta da necessidade de se encontrar soluções equilibradas e compatíveis com uma realidade própria e vinculadora do carácter deste lugar. Modelo que permite assinalar um conjunto de fatores, passíveis de serem aplicados em novas propostas de projeto, nas quais se destacam:

- As condicionantes físicas e funcionais que definem e estruturam o lugar morfológicamente;
- A contribuição do programa pelo qual se define o processo de gestão do sítio arqueológico;
- Os conteúdos funcionais: quer sejam museológicos, informativos, ou de carácter de lazer e educativo;
- A articulação com o vestígio arqueológico: proximidade, visibilidade, envolvimento e sobreposição;
- A relação com a paisagem envolvente e de grande alcance;
- A acentuação do carácter formativo dos percursos;
- Os conceitos reabilitação, valorização e reversibilidade.

A intervenção no sítio arqueológico pode constituir desta forma uma oportunidade de restaurar uma visão holística entre o lugar (estrutura arqueológica) e as relações envolventes (naturais e culturais).

Uma janela de oportunidade que no caso do Vale do Tejo se monumentaliza pela vasta herança cultural testemunhada por centenas de sítios arqueológicos, e que pode permitir segundo a nossa leitura, reinterpretar através de um conjunto de ações o corredor fluvial entre a barragem de Cedilho e a foz do Rio Ocreza.

A polarização de novas intervenções, com o apoio das estruturas de retaguarda existentes no Vale do Tejo, como o centro de interpretação de Arte Rupestre (caído no amorfismo) ou dos diversos núcleos e sítios arqueológicos musealizados, que interligados em rede poderiam sustentar um modelo de organização cultural e patrimonial, único na região e no panorama nacional.

Propostas de intervenção

As propostas de projeto direcionam-se aos quatro núcleos mais representativos do complexo rupestre do vale do Tejo: S. Simão, Cachão do Boi, Cachão do Algarve e Gardete.

Núcleos que se encontram inacessíveis devido à cota da albufeira ou ameaçados devido ao movimento das águas, derivado das constantes descargas de ambas as barragens: Cedilho e Fratel.

Importa-nos encontrar respostas que recorram e decorram da interpretação cognitiva e emocional do lugar, da descodificação dos sinais de invariância e de transformação dos sítios da paisagem.

A estratégia de abordagem é efetuada em três etapas, na primeira etapa clarifica-se o carácter do lugar, através da identificação da estrutura global da paisagem (MAGALHÃES, 2001). Estrutura que é entendida como um sistema constituído por vários subsistemas, a que correspondem à Estrutura Ecológica, Estrutura Cultural e a Estrutura Afetiva.

Uma vez que os processos que dão carácter ao lugar forem determinados, serão utilizadas as quatro sequências definidas no conceito *Eco-Revelatory Design* (Thayer, 2008), o que nos permite definir a área de atuação e as diferentes posições de trabalho dentro dessa área.

A estratégia de abordagem adota em seguida os instrumentos formais da arquitetura, pelos quais pretende revelar e despertar os diversos sentidos, de acordo com a lógica e a intenção do projeto para cada sítio arqueológico.

As diversas etapas descritas, e a análise processual efetuada nas tipologias apresentadas, são determinantes no processo de conceção de novas propostas, quer sejam de índole interpretativa, representativa ou de carácter reconstrutivo.

S. Simão

O sítio arqueológico de S. Simão, situado junto à fronteira com Espanha, permite o acesso a um largo conjunto de painéis gravados, submersos regularmente pela variação do caudal do rio, provocada pelas descargas controladas de Cedilho.

Esta oscilação pontual dificulta o acesso aos painéis, o que propomos é melhorar o acesso através da colocação de plataformas de superfície amovíveis à tona de água.

Estas serão posicionadas estrategicamente de acordo com um circuito expositivo, em que o conteúdo museográfico e arqueológico será inscrito nas próprias plataformas.



Imagem 15. S. Simão.



Figura 8. Simulação de um possível acesso.

Gardete

O núcleo arqueológico do Gardete, localizado fora do limite da albufeira, é visitável.

A proposta de introdução de um percurso interpretativo, junto à estação arqueológica de Gardete, que alargue o olhar, para além das gravuras rupestres, visa levantar questões de análise e de leitura sistemática do lugar, que se manifestam em forma de experiência, de ação e de subjetividade, e que se altera constantemente no campo percetivo de cada indivíduo através da sua própria leitura, por uma rede de mnemónicas, signos, imaginários e linguagens.

Fazendo confluir diferentes momentos históricos, o contexto envolvente ao núcleo arqueológico remete-nos para o entendimento do lugar e para as suas pré-existências, pré-históricas e atuais, nas quais se manifesta a intimidade que a arte rupestre mantém com a paisagem, e na qual culturalmente se expressa.

O percurso é subdividido por temas, onde se dá o devido destaque às gravuras, mas também aos muros de sirga, à paisagem envolvente e à própria condicionante que é a barragem, uma das mais recentes formas perturbadoras dessa mesma envolvente.

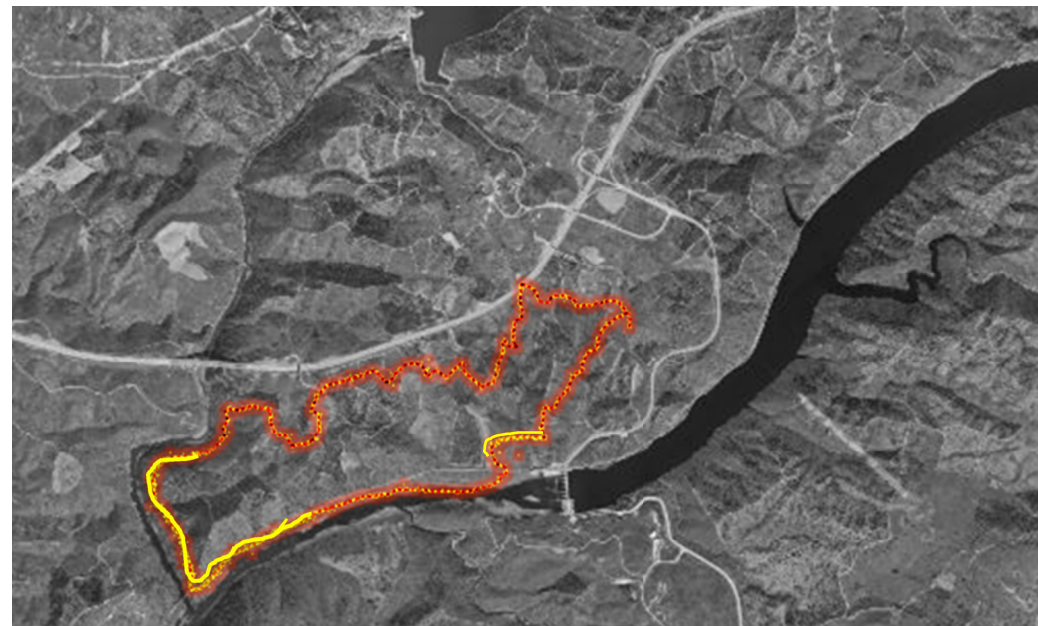


Figura 9. Proposta de percurso interpretativo, de aproximadamente 9km de extensão, representado a amarelo os caminhos a inserir



Figura 10. Percurso interpretativo, pormenor do Muro de Sirga.

Cachão do Boi

O Cachão do Boi junto ao apeadeiro do Fratel, primeiro núcleo a ser descoberto em 1974, é onde se registaram as gravuras mais representativas do complexo. Núcleo que se encontra a cerca de 8 metros de profundidade, prevendo-se que esteja coberto por 2 a 3 metros de sedimentos.

Tirando partido do amplo espelho paralelizável de água que cobre a estação arqueológica do Cachão do Boi no Fratel, da perspetiva visual que se obtém da linha de ferro e do seu movimento deambulatório paralelo ao núcleo, propõem-se um conjunto de instalações sobre a superfície de água e próximo da linha de comboio.

Obras que integram “dentro da ideia de memória do lugar, o que nos remete para a necessidade de conservação e reprodução de impressões sensoriais e imagens mentais. O significado vulgar de lembrança ou recordação faz-nos aceder à presença da coisa ausente o bastante para engrandecer a pessoa ou o povo que foi o seu autor; é uma evocação e um alerta.” (VandaNuno, 2015)

No primeiro caso através da colocação na superfície de replicas dos painéis em Látex utilizados no levantamento das gravuras em 1974, em plano paralelo à sua localização. No segundo caso, pela instalação de um conjunto de paralelepípedos com a face superior inclinada, próximo da linha do comboio, do lado do rio, ao longo do troço que ladeia as gravuras rupestres.

O comboio em movimento proporciona ao observador, do interior da carruagem, o visionamento duma série de fólios, em sequência, ou ao jeito dos filmes de animação, que nos remete para o universo das gravuras submersas.

Cachão do Algarve

Os painéis gravados do Cachão do Algarve situam-se numa ampla enseada, e encontram-se inacessíveis a cerca de 2 metros de profundidade. Como elemento singular neste lugar, destaca-se uma antiga ensecadeira (parcialmente visível em períodos de caudal mais baixo) que canalizava água para uma azenha e que circunscreve a totalidade do núcleo.

A possível redução do caudal do rio em períodos estivais, coordenada com visitas organizadas aos núcleos arqueológicos seria mais um processo de reconhecimento e de valorização deste vasto património, uma oportunidade de desenvolvimento económico para a região. A descida da cota de nível da albufeira, que estimamos em cerca de 2 metros com este procedimento, seria insuficiente para aceder a alguns dos núcleos

arqueológicos devido a elevada profundidade dos painéis, no entanto permitiria em outros locais o acesso temporário a alguns painéis e gravuras submersas.

Tirar partido da pré-existência da ensecadeira do Cachão do Algarve, parece-nos uma oportunidade real de emergir sazonalmente um dos núcleos mais emblemáticos do complexo rupestre do Vale do Tejo. A sua reconstrução com alteração da cota de coroamento em cerca de 1 a 2 metros viabilizaria esta possibilidade.



Figura 11. Instalação de superfície núcleo do Cachão do Boi – Fratel.

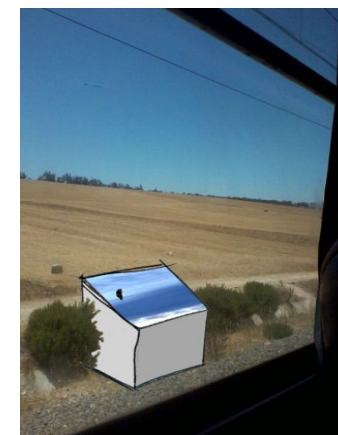


Figura 12. Instalação paralela à linha férrea (VandaNuno, 2015).



Figura 13. Simulação de reconstrução da enseadeira do Cachão do Algarve.

A reintrodução de um processo construtivo vernacular, neste contexto, vem questionar a difusão do processo em outros sítios arqueológicos acessíveis, possibilitando desenhar no território uma rede de locais visitáveis em épocas de caudal reduzido, à semelhança da proposta proferida por Emanuel Anati após a visita efetuada em 1974:

"Se o homem pré-histórico fez oferendas ao deus das águas para que o leito do rio subisse de nível, seria bom que, pelo menos uma vez por ano, a albufeira da barragem pudesse descer - permitindo que nas suas margens se realizasse um autêntico festival de cultura, que ali atrairia, sem dúvida, todos os grandes arqueólogos e historiadores do mundo" (Caires, 1974, p.32).

Bibliografia

BENJAMIN, Liverman. "An evaluation of eco-revelatory design". A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree. Athens, Georgia, 2007

BERQUE, Augustin. "Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural" In:

BEROUTCHACHVILI, N., e G. ROUGERIE. "Geosystemes et Paysages. Bilan et méthodes". Paris: Armand Colin, 1991.

CAIRES, A. "Arte Rupestre Afogada no Tejo", *O Século Ilustrado*, nº 1888, p. 32. 1974.

CANINAS, João e Al. "A Calçada e a Barca da Telhada" (Perais, Vila Velha de Ródão), Associação de Estudos do Alto Tejo, 2013.

CANINAS, João. "Nota Técnica Proposta de reconstrução parcial da anta do Cabeço d'Ante" (Vila Velha de Ródão) e respetiva mamoa, 2015.

CARAPINHA, Aurora.. "País enquanto Paisagem." *Revista da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas*: 21-25. Novembro-Maio de 2010-2011

CARVALHO, Nuno, Pedro P. CUNHA, António A. MARTINS, e Alexandre TAVARES. "Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal." AÇAFA. 2006.

D'ABREU, Alexandra Cancela, CORREIA, Teresa Pinto e OLIVEIRA, Rosário, Coordenação. "Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental". Colecção Estudos 10,. DGOTDU. 2004.

FRIEDMANN, Valerie, "River and Ridge: Eco-Revelatory Design at Seven Islands Wildlife Refuge." Master's Thesis, University of Tennessee, 2012

GOUVEIA, Jorge. "O Monumento Natural das Portas de Ródão". AÇAFA On Line, nº 2. 2009.

HELM, Joana. "Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge"/ Carrilho da Graça Arquitetos. 2012

INGOLD, Tim. "The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill". New York: Routledge , 2000.

MAGALHÃES, Manuela Raposo: "A arquitetura Paisagista. Morfologia e complexidade". Editorial Estampa, 2001.

MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte. "Portugal, O Sabor da Terra – Um retrato histórico e geográfico por regiões". Circulo de Leitores e Temas e Debates. 2010.

NORBERG-SCHULZ, Cristian – "Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture", New York, Rizzoli, 1984.

PALLASMA, Juhani – "The Eyes of the Skin, Architecture and the Senses." Great Britain, Wiley 2011.

PEREIRA, Pedro Miguel Sampaio, *Arquitetura do Território. Mapear Paisagens do Baixo Mondego*, dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura Departamento de Arquitectura da FCTUC . 2013

RAPOSO, Luís “*Bases para um projeto de Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Arqueológico da Foz do Enxarrique*”, 2013.

RIBEIRO, Orlando. “*Portugal o Mediterrânico e o Atlântico. Estudo Geográfico*. Coimbra: Editora Limitada.1951

TURNER, Chistopher. “*Peter Zumthor: Zinc mine museum, Norway*” . 2014

SCAZZOSI, L., “«*Valorar*» los paisajes” em MATA, R.; TARROJA, A., (coord.), *El paisaje y la gestión del território*, Barcelona, Diputació de Barcelona, 2006,

THAYER, Robert L. “*Landscape as an Ecologically Revealing Language*” [Exhibition Review].” *Landscape journal* (1998): 118-29. 9.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia. “A Study of Environmental Perception Attitudes, And Values.”* New Jersey, Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, New Jersey, 1974.

TURRI, Eugenio. “*Il paesaggio como teatro. Dal territorio vissuto al territorio rappresentato*”. 5ª. Venezia: Marsilio Editori. 2006

VANDANUNO, “*Site specific*” para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo

“Sem Título”. 2015.

Lista das figuras e imagens

Figura 1. Autor a partir de planta base de Arq. Paisagista JLM.

Figura 2. Autor, sobre imagem aérea disponível em <https://www.google.pt/maps/@39.838016,-6.633296,109867m/data=!3m1!1e3>.

Figura 3. Autor a partir de desenho disponibilizado por P.B. ARQ – Arquitectura Paisagista.

Figura 4. Imagem disponível em http://www.cm-vvrodado.pt/media/184559/pr5_caminho_da_telhada.pdf.

Figura 5. Imagem de Luís Raposo.

Figura 6. Disponível em <http://joseadriao.com/portfolio/ocreza-concurso-primeiro-premio/>.

Figura 7. Disponível em <https://www.designboom.com/architecture/peter-zumthor-zinc-mine-museum-allmannajuvet-norway-ryfylke-02-10-2015/>.

Figura 8. Disponível em https://issuu.com/aungmyatkyaw9/docs/_2007.77.02_landscape_architec_-_michael_spens

Figura 9. Autor com base em imagem disponível em <https://www.google.pt/maps/@39.5459945,-7.8120342,6866m/data=!3m1!1e3>.

Figura 10. Fotografia e imagem do Autor.

Figura 11. Fotografia disponibilizada por António Martinho Baptista , imagem do Autor.

Figura 12. Fotografia e imagem de VandaNuno.

Figura 13. Autor sobre imagem disponibilizada pelo CIART.

Imagem 1 a 15. Fotografia do Autor.